



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS/LINGUA
PORTUGUESA

CAROLINE BRITO ROMÃO

ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE O NEGRO NAS REDES SOCIAIS

São Bernardo – MA
2022

CAROLINE BRITO ROMÃO

ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE O NEGRO NAS REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Katia Cilene Ferreira França

São Bernardo – MA
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Romão, Caroline Brito.

Análise de discursos sobre o negro nas redes sociais /
Caroline Brito Romão. - 2022.

47 p.

Orientador(a): Katia Cilene Ferreira França.
Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa,
Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2022.

1. Análise do discurso. 2. Racismo. 3. Redes
sociais. I. França, Katia Cilene Ferreira. II. Título.

CAROLINE BRITO ROMÃO

ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE O NEGRO NAS REDES SOCIAIS

Monografia aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Katia Cilene Ferreira França (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof.^a Ma. Claudia Letícia Gonçalves Moraes
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof.^a Maria Regina Coelho Costa Moraes
Secretaria Estadual de Educação do Maranhão (SEDUC/MA)

SÃO BERNARDO – MA
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me manter em pé, por sempre estar comigo me dando coragem, força e paciência para não desistir, mesmo em meio a tantas dificuldades. Sou grata pela fé que Ele faz existir em meu coração e por me fazer acreditar que sou capaz. Gratidão a Ele sempre!

Agradeço aos meus amigos Francisco (Chico), Gerlene e Ivaldo (*in memoriam*) por todo o carinho e pelo incentivo a seguir em frente. Obrigada aos meus colegas Laísa, Andresa, Carlos, Welinton e Verônica que, em 2016, iniciaram essa jornada junto comigo na UFMA (mesmo os que seguiram caminhos diferentes), obrigada por todo o companheirismo e pela vida que compartilhamos através dos nossos momentos na sala de aula e fora dela. Agradeço também aos amigos Chis, Paulo e Leidi que fiz nos corredores da Universidade e, em especial ao Paulo por sempre demonstrar preocupação comigo, por suas inúmeras mensagens perguntando como eu estava e como estava a escrita; agradeço de todo o meu coração ao carinho demonstrado através do respeito que teve por minhas escolhas e pelas palavras de carinho nos momentos em que eu achava que não era capaz e que não conseguiria. Você (Paulo) foi muito importante nesse processo. Eu o amo.

Obrigada a todos pelo incentivo, apoio e materiais compartilhados ao longo do curso. Meu carinho por vocês ultrapassa os muros da Universidade.

Agradeço a minha comadre Cristina por todo o carinho e por sempre acreditar em mim, pelas conversas e palavras de apoio. Muito obrigada!

Agradeço a Deus pelos excelentes professores que tive na Universidade, em especial a minha orientadora, professora Dra. Katia França. Serei eternamente grata pela paciência, pelo carinho, por seus conselhos, apoio e puxões de orelha. Obrigada!

Gratidão é quando a alma diz obrigada. É por essa razão que agradeço de todo o meu coração a todos que aqui foram citados. Que Deus os abençoe!

O racismo é burrice, mas o mais burro não é o racista
É o que pensa que o racismo não existe
O pior cego é o que não quer ver
E o racismo está dentro de você
Porque o racista na verdade é um tremendo babaca
Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca
E desde sempre não para pra pensar
Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar
E de pai pra filho o racismo passa
Em forma de piadas que teriam bem mais graça
Se não fossem o retrato da nossa ignorância
Transmitindo a discriminação desde a infância
E o que as crianças aprendem brincando
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando
Qualquer tipo de racismo não se justifica
Ninguém explica
Precisamos da lavagem cerebral
Pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural...

(Gabriel, O Pensador - Lavagem cerebral)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a repercussão de discursos racistas nas redes sociais por meio do viés teórico da Análise do Discurso. Para tal, realizamos um breve panorama histórico, social e cultural a respeito do racismo, sobretudo no Brasil. Também demonstramos quais são as contribuições da Análise do Discurso para o estudo do racismo nas redes sociais. Consideramos que as redes sociais são plataformas em que ocorrem práticas discursivas, tendo em vista que os discursos ali atualizados se relacionam com a história. Por fim, analisamos alguns posts das páginas Quebrando o Tabu e Mídia NINJA com alguns relatos de racismo feitos por pessoas negras e que causaram repercussão nas redes. Esses relatos acabam se relacionando com discursos racistas que são atualizados ao longo da história. Dentre os principais autores que fundamentam esse trabalho estão: Silvio Luís de Almeida (2018), Carlos Moore (2007), Djamila Ribeiro (2019), Mendes (2020), Orlandi (2015), Recuero (2006 e 2009) e Van Dijk (2016). As contribuições desses autores para o presente trabalho foram de suma importância, pois possibilitaram um conhecimento histórico em relação à prática e aos discursos racistas, suas transformações e origens.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; Racismo; Redes Sociais.

Abstract: This paper aims to analyze the repercussion of racist discourses on social networks through the theoretical bias of Discourse Analysis. To this end, we have a brief historical, social and cultural overview of racism, especially in Brazil. We also demonstrate the contributions of Discourse Analysis to the study of racism in social networks. We consider that social networks are platforms in which discursive practices occur, considering that the discourses updated there are related to history. Finally, we analyzed some posts of the pages Breaking the Taboo and NINJA Media with some reports of racism made by black people and that caused repercussion in the networks. These accounts end up relating to racist discourses that are updated throughout history. Among the main authors that support this work are: Silvio Luís de Almeida (2018), Carlos Moore (2007), Djamila Ribeiro (2019), Mendes (2020), Orlandi (2015), Recuero (2006 and 2009) and Van Dijk (2016). The contributions of these authors to the present work were of paramount importance, as they allowed a historical knowledge in relation to the practice and racist discourses, their transformations and origins.

Keywords: Discourse Analysis; Racism; Social Networks.

Sumário

1 - INTRODUÇÃO.....	10
2 - RACISMO: UMA QUESTÃO DE ESTRUTURA HISTÓRICA, SOCIAL E CULTURAL.....	17
3 - CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA O ESTUDO DO RACISMO ESTRUTURAL.....	23
4 - AS REDES SOCIAIS COMO PROPAGAÇÃO DE IDEIAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS.....	29
5 - MANIFESTAÇÕES DE RACISMO: ATIVIDADES DE REPRODUÇÃO E LUTAS CONTRA O PRECONCEITO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44

1 - INTRODUÇÃO

O racismo é uma atitude discriminatória que se dá através de desprezo/desrespeito diante de diferenças raciais. Ao longo da trajetória da raça humana, os negros foram submetidos a terríveis barbaridades, foram escravizados pelo povo europeu, sobretudo ingleses, franceses e portugueses, e trazidos para a América, para trabalhar. Dessa forma, os negros e o continente africano foram massacrados pelo povo branco, que nesta época, devido a razões religiosas, se considerava uma raça superior.

Desse modo, o julgamento sobre os negros foi se agravando e sendo expressado de outras maneiras. Os negros eram uma mercadoria, que serviam somente para trabalhar. Eles foram sujeitados à escravização no decorrer da colonização das Américas e eram considerados mera força humana. Dessa maneira, trabalhavam de modo árduo, sem regulamentações ou respeito, suportando torturas e crueldades. Durante muitas gerações, os negros foram escravizados e mortos. Vale ressaltar que as leis feitas por brancos permitiam que as práticas sociais perpetuassem essa relação entre o dominador e o dominado.

Na época da escravidão, os negros eram postos ao sol quente, usavam roupas velhas e possuíam uma má alimentação. As suas noites eram em senzalas; e esses espaços apresentavam precariedade; eram lugares úmidos, sem luz e sem limpeza. Com o objetivo de impedir fugas, os negros eram acorrentados e aprisionados, presos em um tronco e chicoteados quando desobedeciam. Além de sofrerem hostilidade por causa de sua cor e aparência, sofriam tormentos psicológicos e físicos. Os senhores e seus algozes procuravam acabar com os seus princípios morais, obrigando-os a estar de acordo com a opinião de supremacia do branco.

A escravização do negro, no Brasil, durou por mais de 300 anos, esse racismo se alastrou progressivamente e atingiu outros âmbitos. Os negros foram impedidos de ter a sua identidade e personalidade, viveram impossibilitados de serem ouvidos e com o seu corpo sendo violentado. Esses atos humilhantes, além de causarem lesões físicas e ofensas morais, ocasionaram em desigualdades raciais que permanecem na atualidade.

Embora tenham ocorrido a abolição da escravatura (13 de maio de 1888, através da Lei Áurea) e com a Lei Afonso Arinos (Lei n. 1.390, de 3 de julho de 1951),

que garante a honra, a honestidade e o respeito ao negro, os legados lamentáveis do período escravocrata até ao presente encontram-se nas interações entre os indivíduos.

De acordo com Waleska Batista (2018), todo esse contexto histórico brasileiro provocou o que diversos estudiosos denominam como racismo estrutural. Seguindo essa perspectiva, o racismo é compreendido como um fator que está entranhado de várias formas possíveis em nossa sociedade, tanto na cultura quanto nas Políticas Públicas. Observando o fenômeno dessa forma, é possível constatar que há relações racistas em diversos contextos, seja no fato de um segurança de loja prestar mais atenção em um indivíduo negro do que em um indivíduo branco, seja quando as leis do país não levam em consideração o povo negro de forma geral. Assim sendo, o racismo é compreendido como um problema estrutural, que precisa ser combatido de diversas formas possíveis.

Durante todos esses séculos de opressão, o povo negro não sofreu calado, pois houve diversas formas de resistência ao racismo estrutural. Um dos primeiros eventos que marcaram a força do povo negro foi a criação de vários quilombos durante o período escravocrata. Os quilombos abrigavam os negros que fugiam das fazendas de cana e café, e lá podiam manifestar livremente suas diversidades culturais.

Na contemporaneidade, o Movimento Negro tenta dar voz aos negros através de manifestações e representações políticas. Ainda que a sociedade tenha melhorado desde o período colonial, percebe-se que o racismo ainda está impregnado em nosso país, e precisa ser combatido, em razão de que ainda é evidente o constante crescimento de hostilização e injúrias raciais contra o negro, além do que, os atos racistas vêm se apresentando nos discursos publicados nas redes sociais digitais.

Antes de abordarmos sobre as redes sociais, cabe fazer uma breve reflexão sobre a tecnologia de maneira geral. O desenvolvimento tecnológico é reproduzido nos modos de propagação de informação. Isso sucedeu em uma mudança na forma clássica de diálogo (carta, jornal e outros) para formas de se dialogar rapidamente com a ajuda de um dispositivo móvel (smartphone, tablet, notebook), contanto que este esteja conectado à internet.

Com o avanço das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), o modo de convivência da sociedade está se transformando. De acordo com Cardoso e Lamy

(2011, p. 74): “[...] a comunicação e a mídia em geral, não são apenas janelas para o mundo. Pelo contrário, constituem fontes de mudanças, valores, atitudes, formas de encarar o mundo, ideologias, olhares sobre o “outro”, mundos e futuros possíveis.”

Com o advento das redes sociais, houve uma intensificação dos debates da internet que permitiu discussões proveitosas de ideias diferentes. É inegável que as redes sociais se tornaram um recurso indispensável para a comunicação, com grande dinamicidade e alcance mundial. Contudo, esse meio pode ser tanto utilizado para a disseminação de ideários do “bem” como para os discursos de intolerância e ódio (FELISBERTO, 2017).

Com os avanços tecnológicos, diversos espaços para a comunicação virtual apareceram, como o antigo Orkut e o Messenger, e atualmente o Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter e outros. O Facebook é uma rede social que foi criada em 2004 com o objetivo de proporcionar a interação de grupos, através de compartilhamento de status, fotos, vídeos, bate papo e comentários. Essa rede social possui 2,2 bilhões de contas ativas, sendo 130 milhões brasileiras. Atualmente, o Facebook está em 2º lugar nas redes sociais mais utilizadas no Brasil (PEREIRA, 2016).

O Instagram foi criado em 2010 com o objetivo de ser uma rede de compartilhamento de fotos e vídeos. Contudo, atualmente a plataforma conta com mais de 1 bilhão de usuários e tornou-se um meio comercial, na qual diversas micro e macro empresas possuem perfis onde podem divulgar a sua marca/produto/serviço de uma maneira mais interativa com o seu público-alvo (PEREIRA, 2016).

Desse modo, é possível dizer que hoje o Facebook e o Instagram são os principais locais de exposição de ideias de forma aberta e debate público no contexto digital brasileiro. As possibilidades que advêm dessa interação são enormes, incluindo consequências positivas e negativas. De acordo com Recuero e Soares (2013, *apud* Silva, 2018), os discursos construídos dentro das redes sociais têm efeito sobre os sujeitos e seus comportamentos. Como territórios livres à manifestação de ideias e opiniões, as redes facilitam, devido ao anonimato, o discurso do ódio racial. Seus usuários, protegidos pelas comunidades virtuais e pelo anonimato, verbalizam todos os tipos de agressão. A não identificação nominal desses sujeitos facilita-lhes os ataques violentos e faz reproduzir a agressividade online.

No entanto, também, há as redes sociais que também podem ser ambientes de trocas de informações, que têm participação na vinculação da comunicação. Apresentam-se também como um espaço de diálogo, afetividade e de luta de interesses que acaba propiciando uma diminuição de fronteiras entre os indivíduos. Segundo Silva (2021), as redes sociais configuram uma parte crítica da discussão e do debate público contemporâneo, podendo as discussões de uma sociedade. Um dos importantes temas debatidos nas redes sociais é o racismo, sendo as redes uma ferramenta de distribuição de conteúdo com o objetivo de pluralizar as representações do negro no universo das mídias e construir, pautar e difundir o debate sobre essa temática.

Neste contexto, este estudo aborda as páginas das redes sociais “Quebrando o Tabu” e “Mídia NINJA” que são páginas que compartilham um conteúdo voltado para a promoção do combate ao racismo. A página do Facebook “Quebrando o Tabu” foi criada em 2011 para a divulgação de um documentário com o mesmo nome. O documentário abordava as diferenças entre a utilização das drogas na favela da Rocinha e em Amsterdã. O objetivo era demonstrar as diferenças em um lugar onde as drogas são liberadas e onde não são e a forma como são vistos os usuários de drogas nos dois locais.

Desse modo, no início, o intuito da página era divulgar conteúdos relacionados à divulgação do documentário, e discutir temas relacionados às drogas. Após o documentário a página foi deixada de lado. Em 2013 o idealizador da página decidiu retornar com ela e passaram a ser debatidos diferentes temas como o feminismo, violência e o racismo. Hoje a página possui mais de 10 milhões de curtidas em sua página no Facebook e mais de 6 milhões de seguidores no Instagram, e a maioria dos temas abordados são assuntos tidos como tabus para a sociedade. As discussões sempre são abordadas de forma leve, permitindo assim que os temas sejam cada vez mais inseridos nas discussões da sociedade.

A página Mídia NINJA foi criada em 2013 durante a cobertura das manifestações motivadas inicialmente pelo movimento Passe Livre. Essas manifestações se iniciaram na cidade de São Paulo e se expandiram por todo o Brasil. Os protestos mobilizaram milhares de pessoas e provocaram debates em âmbitos políticos, sociais e econômicos. Durante essas manifestações, as mídias tradicionais tiveram dificuldades de se aproximar dos manifestantes, surgiu assim uma rede

colaborativa de jovens apoiada no uso de smartphones e acesso 3G via plataforma Twitcasting que une transmissão em vídeo com publicação simultânea dos seguidores no Twitter. Esse grupo ganhou notoriedade ao mostrar a violência policial e prisões arbitrárias nos protestos, inclusive de membros do grupo (AGUIAR e RODRIGUES, 2019).

Hoje a página do Instagram do Mídia NINJA possui mais de 4 milhões de seguidores e se denomina como uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir da tecnologia e de uma lógica colaborativa de trabalho. Defende o interesse público, a diversidade cultural e o direito à informação, visibilizando pautas de comunicação, causas identitárias, culturais e meio ambiente.

Desse modo, esse estudo decidiu analisar as páginas “Quebrando o Tabu” e “Mídia NINJA” em relação ao combate ao racismo na sociedade. Essas páginas são consideradas referências em relação a promoção de conteúdo de combate ao racismo nas redes sociais, possuindo um grande número de seguidores e sempre utilizando uma linguagem clara, direta e com conteúdo relevante em suas postagens.

Uma vez que as redes sociais podem beneficiar a formação da identidade étnico-racial brasileira, em razão de que historicamente foi construída a ideia de que o negro precisa negar a si mesmo para ser aceito. Isso são marcas consolidadas, nas quais o negro acreditou na sua inferioridade, vendo-se como algo errado, feio. Então é percebido, assim, que a construção de uma identidade está nas relações com os outros e como nós mesmos (SANTOS, BORGES e SANTOS, 2014).

Diante do exposto, o que motiva essa pesquisa são os muitos casos de racismo divulgados ou realizados por meio das redes sociais. À vista disso, essa pesquisa tem como foco o discurso sobre e do negro nas redes sociais Facebook e Instagram. Logo, a intenção desta é mostrar como o racismo é manifestado nessas redes sociais a partir das páginas Quebrando o Tabu e Mídia NINJA. Uma vez que esse racismo histórico, que percorre por séculos, é praticado e exibido também em ambientes virtuais.

O trabalho compõe-se também por consultas bibliográficas de caráter qualitativo. Essas consultas foram feitas em trabalhos acadêmicos (artigos, monografias e teses), livros, sites e demais escritos que apresentassem alguma semelhança com o tema pesquisado. Além de ser um trabalho qualitativo que, de

acordo com Minayo (1993), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares” (MINAYO, 1993 *apud* ARAÚJO), a pesquisa também será exploratória, que segundo Gil (2008, p. 27),

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

Ao longo do trabalho, serão discutidas questões sobre o racismo. E com a finalidade de entender mais sobre as redes sociais realizou-se uma pequena apresentação do que se compreende por rede social. As pesquisas para a produção da análise deste trabalho foram realizadas nas páginas Quebrando o Tabu e Mídia NINJA, no qual buscaram-se pesquisas em publicações que abordassem o negro, as quais mostram imagens seguidas por relatos de internautas e com isso foram tirados os prints¹ dessas publicações para a análise da pesquisa.

Foram selecionadas publicações sobre o caso de um branco “fantasiado de negro” em uma loja; blackface em trote universitário; invalidação do discurso negro e preconceito com racismo negro. Essas publicações foram selecionadas com o intuito de demonstrar casos de racismo velado e explícito nas redes sociais.

Devido ao crescimento de discursos racistas nas redes sociais, é necessária a promoção de campanhas educativas contra o discurso de ódio na sociedade. Essas campanhas buscam promover o respeito pelos direitos humanos online e off-line; reduzir a aceitação dos discursos de ódio online; monitorar os discursos de ódio online, desenvolver ferramentas para respostas construtivas, apoiar e demonstrar solidariedade a pessoas e/ou grupos que são alvo de discursos de ódio online.

Portanto, este estudo pretende contribuir no aprofundamento do debate do racismo na sociedade e como a expansão do discurso de ódio nas redes sociais tem contribuído para promover um crescimento de manifestações racistas. Este estudo busca demonstrar como as redes sociais também podem ser benéficas sendo um espaço para o debate e o compartilhamento de ideias e informações que possam

¹Print – Recurso utilizado para capturar a imagem do que está aparecendo na tela do celular. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2019/10/como-tirar-print-screen-no-celular.ghtml>.

contribuir para participação social capaz de produzir mudanças concretas na vida dos sujeitos ou das organizações.

2 - RACISMO: UMA QUESTÃO DE ESTRUTURA HISTÓRICA, SOCIAL E CULTURAL

O racismo é resultado de inúmeros conflitos históricos e que ainda repercutem na contemporaneidade. Apesar de ser um ato criminoso (Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989), acontece na maioria das vezes de forma velada, e por isso muita gente nem acredita que ele ainda exista. Para o autor Carlos Moore (2007, p. 23), “racismo é um fenômeno eminentemente não conceitual; ele deriva de fatos históricos concretos ligados a conflitos reais ocorridos na história dos povos”.

A história conta que no período colonial aconteceu a escravidão de inúmeros povos, principalmente vindo do continente africano, com a finalidade de gerar mão de obra barata, para cozinha, lavouras, minas de carvão, minas de ouro, dentre outros tantos serviços que na época não eram remunerados, classificando-se então como escravidão. Segundo o Catálogo Nacional da Biblioteca do Rio de Janeiro (1988, p. 9 e 10):

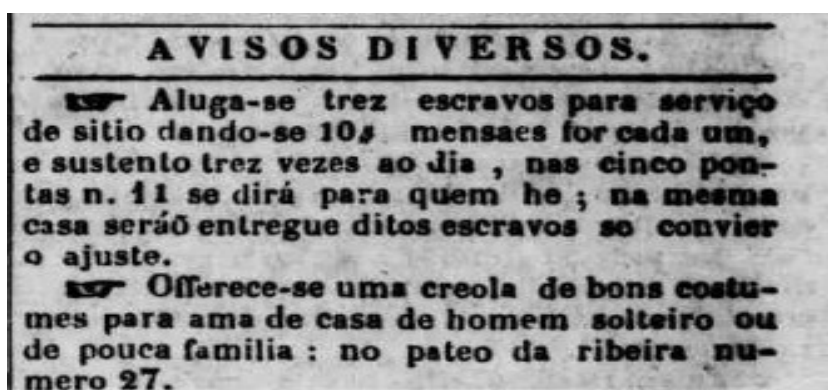
Os escravos trabalhavam na agricultura, nos ofícios e nos serviços domésticos e urbanos. Os negros do campo cultivavam para a exportação, atividade que dava sentido à colonização, a cana-de-açúcar, o algodão, o fumo, o café, além de se encarregarem da extração dos metais preciosos. Os negros de ofício especializaram-se na moagem da cana e no preparo do açúcar, em trabalhos de construção, carpintaria, olaria, sapataria, ferraria, etc. No século XIX, não foram poucos os escravos que trabalharam como operários em nossas primeiras fábricas. Quanto aos negros domésticos, escolhidos em geral entre os mais "sociáveis", cuidavam de praticamente todo o serviço das casas-grandes e habitações urbanas: carregar água, retirar o lixo, além de transportar fardos e os seus senhores em redes, cadeiras e palanques.

Por volta de 1550 a 1850, milhares de africanos foram retirados de sua pátria para serem escravizados no Brasil, o domínio que o racismo exercia na época levou a escravidão a permanecer ao longo de três séculos no Brasil, tornando-se o derradeiro país que aboliu a escravidão. Tal acontecimento histórico resultou em uma ferida na sociedade brasileira que ainda está exposta até hoje. Devemos lembrar que esse fato de abolir a escravidão foi um processo lento.

A partir do século XVI, os africanos começaram a chegar ao Brasil. Nessa época, o negro era considerado um escravo e tido como uma mercadoria que possuía dono, e no século XIX os negros eram divulgados em anúncios de jornais como uma

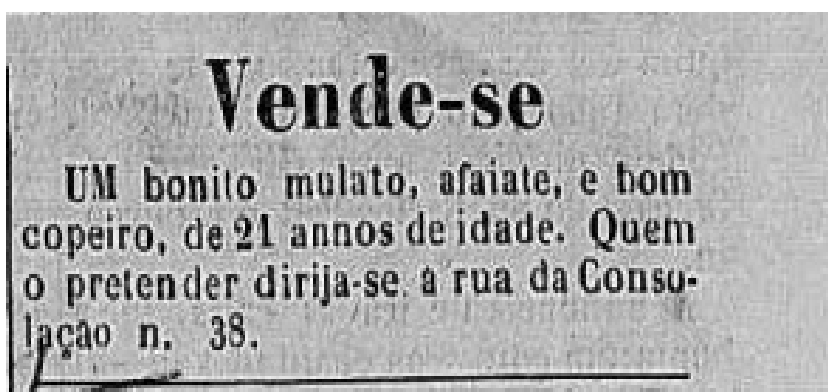
mercadoria de venda, aluguel e troca. As fugas dos negros também eram divulgadas, e essas, no entanto, eram para encontrá-los. Como os negros eram tidos como mercadoria e eram tratados como escravos, os anúncios sobre eles eram os mais diversos de acordo com os registros de anúncios encontrados que foram publicados em jornais do século XIX.

Figura 1: Anúncio de aluguel de escravos



Disponível em: https://www.google.com/amp/s/www.vice.com/amp/pt_br/article/8x53y3/revisitando-anuncios-de-escravos-do-seculo-19. Acesso em: 31/07/2020.

Figura 2: Anúncio de venda de escravo



Disponível em: https://www.google.com/amp/s/www.vice.com/amp/pt_br/article/8x53y3/revisitando-anuncios-de-escravos-do-seculo-19. Acesso em: 31/07/2020.

Esses anúncios eram bastante publicados em jornais do século XIX, já que o tráfico de negros impulsionava a economia naquele período. Esses anúncios são arquivos significativos da história deste país, pois expõem a hostilidade e a discriminação que era emitida contra os negros. Com todos os acontecimentos da escravidão no Brasil, os estudos realizados pelos historiadores revelam que a escravidão no Brasil foi árdua tanto como nos demais países.

Cada vez que se nota o racismo no Brasil, observa-se um ato de ignorância e rejeição do desenvolvimento da nação brasileira, já que, a população brasileira dispõe em sua herança genética a descendência de outras etnias. O Brasil é um país formado pelo sangue dos africanos que foram cruelmente tirados de seu país e forçados a trabalhar em um país não conhecido. Porém, não foi o ato de os africanos não conhecerem o país que estimulou a crueldade cometida contra esse povo, e sim, o modo usado pelos brancos para instituir a sua falsa superioridade. A autora Neusa Santos em seu livro *Tornar-se negro* (1983), afirma que:

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (NEUSA SANTOS, 1983 *apud* DJAMILA RIBEIRO, 2019, p. 11).

Dessa forma, os negros viveram e vivem perante os muitos casos de racismo, pois até os dias atuais é perceptível uma hostilidade que é manifestada de diversos modos, já que o racismo é manifestado como um conjunto de convicções que é manifesto mediante discursos. Esses discursos que foram formados no decorrer da história da humanidade, provocando exclusão e desigualdade sociais, entre outros. Para a autora Djamila Ribeiro (2019, p. 12), “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo”. Então, os atos racistas são manifestados por desprezo ao outrem, gerando o afastamento, a limitação e a depreciação do negro.

A história do povo negro foi e é marcada pelas atrocidades sofridas durante a escravidão e, com o passar do tempo, ficou marcada pelas batalhas e conquistas, como a realização de leis que ocasionassem o fim da escravização. A criação dessas leis ocorreu entre os anos de 1850 a 1888, sendo a primeira a Lei Eusébio de Queirós (Lei nº 851, de 4 de setembro de 1850), que banuiu o tráfico de africanos que seriam escravos no Brasil; já a próxima lei foi chamada de Lei do Ventre Livre (Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871), essa lei decretava a libertação do trabalho escravo para quaisquer crianças que nascessem a partir de 1871.

No ano de 1884 a Lei dos Sexagenários foi mostrada para o Parlamento pelo senador e ministro Manuel Pinto de Sousa Dantas ou como era conhecido senador Dantas, porém a Lei dos Sexagenários (Lei nº 3.270) só teve o seu decreto em 28 de

setembro de 1885, essa lei outorgava a libertação aos escravos com 60 anos ou mais. A partir dessas leis, a luta contra a escravidão prosseguiu e com isso se sucedeu a Lei Áurea (Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888), que determinou o fim da escravidão no Brasil e que foi através dela que 700 mil escravos conseguiram a sua liberdade.

Na década de 50 no Brasil, o deputado Afonso Arinos de Melo Franco criou a primeira lei que proibia a discriminação racial, essa lei ficou conhecida pelo nome de seu criador, lei Afonso Arinos (Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951) e serviu para que a população ficasse atenta ao crime de racismo, porém essa lei não alcançou muitos resultados, já que era uma lei sem punição. Com o passar dos anos a Lei nº 1.390 passou por mudanças e foi a partir daí que a Lei nº 7.716 começou a ser elaborada, com o seu texto já elaborado em 5 de janeiro de 1989 o racismo tornou-se reconhecido como delito decretando prisão por até 5 anos. Apesar da elaboração dessas leis o racismo continuou visível, os discursos e as manifestações racistas se tornaram um ato corriqueiro e contínuo mesmo com as ações de repressão. Conforme Van Dijk (2016, p. 15):

As pessoas aprendem a ser racistas com seus pais, seus pares (que também aprendem com seus pais), na escola, com a comunicação de massa, do mesmo modo que com a observação diária e a interação nas sociedades multiétnicas. Muitas práticas de racismo cotidiano, tais como as formas de discriminação, podem até certo ponto ser aprendidas pela observação e imitação, mas até mesmo estas precisam ser explicadas, legitimadas ou sustentadas discursivamente de outro modo. Em outras palavras, a maioria dos membros dos grupos dominantes aprende a ser racista devido às formas de texto e de fala numa ampla variedade de eventos comunicativos.

Para Van Dijk (2016), o racismo não nasce com o indivíduo, pois ele aprende a ser racista por meio de aquisições ideológicas e de ações. Portanto, os discursos racistas são disseminados discursivamente através da história, visto que, é através da fala que se troca aprendizagens/instruções, pois, esses atos racistas além de serem próprios também ocorrem em coletivo. À vista disso, a intolerância racial tornou-se algo constante nos vínculos discursivos, já que “o discurso se encontra com o discurso de outrem e [...] torna-se uma interação viva e tensa” (Bakhtin, 1988, p. 88 *apud* Fiorin, 2018, p. 21). O autor Carlos Moore (2007) nos ensina que o racismo se estrutura como uma união de comportamentos hostis e egoístas construídos socialmente. O autor observa que:

Se o racismo resiste hoje com a virulência que possui, expandindo-se cada vez mais, apesar de todos os nossos esforços morais e culturais e de todos os avanços no conhecimento científico sobre as diferenças humanas, é porque ele tem se convertido ao longo do tempo numa realidade tenaz, arraigada na consciência e na prática social (MOORE, 2007, p. 213).

Como afirma Van Dijk (2016, p. 15), o racismo é um “[...] processo de aprendizagem amplamente discursivo, isto é, baseado na conversação e no contar de histórias diárias [...]”. Ou seja, essa aprendizagem resulta de práticas e de contextos que cercam o cotidiano daquele que está aprendendo tal ato.

Diante disso, o racismo não é apenas um ato individual, e sim grupal. No qual muitas pessoas fazem da cor da pele e dos demais traços físicos algo significativo para pôr em prática as suas atitudes racistas. Além disso, há certos indivíduos que se consideram superiores, o que acaba atingindo seriamente o indivíduo que viveu os ataques/insultos. Ainda de acordo com Van Dijk (2016, p. 20),

Nossos discursos e outras ações sociais são, portanto, baseados em modelos mentais (planos etc.) que são informados por ideologias e atitudes socialmente compartilhadas. Temos, assim, um círculo vicioso e vemos como o discurso está crucialmente envolvido na reprodução do racismo, em geral, e na formação de ideologias racistas subjacentes, em particular.

Assim, a combinação de convicções racistas e a hostilidade provocadas pelo racismo são assimiladas através de realizações e de discursos, e é também um mal que se dissemina e se torna mais forte, ocasionando males que marcam um povo. Marcas que o povo negro sofre até os dias atuais, porque, em muitos casos antecedentes e em esferas sociais, ele ainda é considerado inferior ao branco. As características fenotípicas continuam a ser usadas para enfatizar profundamente as distinções entre raça e desigualdade, as questões raciais afetam a educação, política, religião, cultura, economia e a penetração na sociedade (OLIVEIRA, 2019). É perceptível que essa situação está bem longe de acabar, determinados indivíduos ainda lutam para que a raça branca seja considerada como superior, quando a única coisa que se anseia é a igualdade racial, sem criminalização, preconceito, racismo seja qual for a etnia e a classe social.

Toda essa situação gerou uma espécie de mancha social na história brasileira, ainda que certa parcela da população negue o racismo. Deve se considerar ainda a desigualdade social, pois a segregação do povo negro é nítida em favelas e periferias

onde pessoas negras são a maioria; tudo isso ligado à cor da pele e à etnia, e não excluindo negros de pele clara, deve-se levar em conta o colorismo em todos os âmbitos sociais.

Quando se diz o que branco possivelmente sofre por conta de sua cor, observamos uma afirmação totalmente falsa, visto que o branco nunca morreu apenas por ser branco e, dessa forma, a construção de marginal em cima da imagem de um homem branco não existe. O desrespeito e o racismo existem e se tornaram rotina na vida do povo negro seja ele de qual for a classe social. Portanto, para se combater o racismo, é preciso primeiro que se reconheça a sua existência, pois sem este reconhecimento, o real objetivo não é alcançado.

Dessa forma, na sociedade atual a tolerância e a igualdade de direitos são valores respeitados oficialmente, no entanto o preconceito e a desigualdade racial permanecem. O discurso está no cerne da reprodução social dos mecanismos que permitem a manutenção das práticas racistas. Desse modo, o estudo do discurso racista torna-se fundamental por apresentar uma possibilidade de análise dos mecanismos sutis pelos quais o sistema de dominação racial é reproduzido.

Conforme Foucault (2014, *apud* Silva, 2018), o significado de discurso não é exclusivo à linguagem. Na opinião do autor, o discurso retrata a união da linguagem com a prática. E de acordo com Hall (2016, *apud* Silva, 2018), “Foucault argumenta que, uma vez que só podemos ter conhecimento das coisas se elas tiverem sentido, é o discurso – não as coisas por elas mesmas – que produz o conhecimento” (IDEM, 2016, p. 84). Sendo assim, o discurso transforma-se em um componente propício para guiar quaisquer formas de fala em relação a um certo assunto.

No próximo capítulo será abordado como a análise do discurso pode ser uma ferramenta essencial no estudo do racismo estrutural atrelado a sociedade brasileira e que é reforçado nas redes sociais, promovendo novas formas de ataques racistas.

3 - CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA O ESTUDO DO RACISMO ESTRUTURAL

O racismo é um dos preconceitos enraizados mais presentes na sociedade brasileira. Desde o período colonial, negros africanos vêm sofrendo com os estigmas e discriminações por serem de uma etnia diferente. Inúmeros casos diariamente mostram como os negros tendem a ter menos oportunidades, além de serem mais excluídos e marginalizados. Políticas públicas recentes como as cotas para negros e pardos em provas, concursos, vestibulares, entre outros, mostram que para alcançarmos a equidade, é muito importante que sejam desenvolvidas políticas que auxiliem as minorias a poderem ao menos concorrer com o restante da sociedade.

A Análise do Discurso pode ser entendida como um apoio teórico-metodológico para que possamos compreender como acontece o racismo estrutural no cotidiano. Muitas vezes, normalizamos o racismo, como se fosse natural um negro não ser bem aceito nos lugares públicos, ser maltratado e vitimizado sem razão. No entanto, a palavra “estrutural” nos ajudará a compreender como o racismo se transformou ao longo do tempo e como ele é histórico, ideológico e social.

O especialista Antonio Gomes, em seu trabalho intitulado: “Análise de discurso francesa e teoria das representações sociais: algumas interfaces teórico-metodológicas” (2015), contribui sobre a relação entre a linguagem e o discurso:

A linguagem de um modo geral e o discurso em particular se configuram como fenômenos que se localizam neste entremeio entre a objetividade exigida para a comunicação e o sentido produzido neste mesmo processo, ambos frutos de outra tensão que é a marca do social e do individual na produção discursiva (Orlandi, 1986, 2001a, 2001b). É indubitável que a singularidade das características psicológicas de um indivíduo está impressa no discurso produzido e na comunicação efetuada, proveniente de uma história pessoal e dos mecanismos mentais, cognitivos e particulares ativados frente às temáticas englobadas por dois ou mais sujeitos que mantêm um diálogo (Orlandi, 2002, 2003). Isto pode ser observado ainda no fato de que a maior profundidade de relacionamento entre duas pessoas, propicia maior entendimento das palavras usadas e do sentido que se quer impregnar a construção verbal ou a expressão não-verbal (GOMES, 2015, p. 04).

Neste sentido, Gomes (2015) colabora, juntamente com Orlandi, sobre como há uma relação intrínseca entre a linguagem e o discurso. Ao mesmo tempo que o discurso pode ser visto como algo individual, subjetivo, ele também faz parte de algo

maior, coletivo e social. Por meio deste arcabouço, podemos compreender que os indivíduos devem ser responsabilizados por seus atos criminosos. Mas também devemos considerar que os sujeitos são atravessados historicamente por diversos discursos que os constituem, inclusive discursos racistas ou de supremacia de determinada raça. De acordo com essa concepção, podemos entender por que o racismo ainda é tão presente, já que ele vem reincidindo na memória há bastante tempo.

Conforme Lessa B. V. Mendes, em seu trabalho denominado: “Análise do Discurso de violência: mulheres negras e a interseccionalidade” (2020), sobre o que é a discriminação racial: “dispor-se a qualquer distinção, eliminação, restrição ou prioridade estabelecida na raça/cor. O favorecimento dos brancos e a incorporação dos negros em posições de inferioridade é um procedimento de discriminação racial” (MENDES, 2020, p. 859-860). Às vezes, pode parecer uma definição simples, mas como há vários casos, em diversos lugares e de diferentes graus de complexidade, torna-se um assunto delicado e que necessita de mais investigações. Mendes (2020, p. 862) colabora ainda que:

O racismo é determinante nas relações sociais, pois se estrutura na inclusão de poder e dominação, o que torna ponto de partida para a hierarquia de gênero, raça e classe. No racismo é possível identificar a segregação racial, diferindo grupos em função da sua raça, assim a sociedade tem a característica de separar determinados espaços por meio da sua concepção de sujeitos, o racismo pode acontecer tanto por indivíduos racistas como também por grupos/instituições que utilizam de elementos institucionais para efetivar o domínio sobre seus preconceitos. O poder se relaciona diretamente quando se trata de racismo, pois seu núcleo é constituído por meio de interesse políticos e econômicos da sociedade, estipulando padrões discriminatórios onde são marcados pela existência de regras e estereótipos que inviabilizam o desenvolvimento dos negros/mulheres, assim cultivando historicamente elementos hegemônicos para a materialização do racismo.

Dessa maneira, Mendes (2020) acrescenta sobre o poder político e econômico que influencia diretamente em ações racistas. A própria Lei de Abolição da Escravatura assinada pela princesa Isabel em 1888 chegou atrasada ao Brasil, já que o nosso país foi um dos últimos a abolirem a escravidão. Esse fato não ocorreu de modo solto e aleatório, mas sem dúvida, teve motivos políticos e econômicos que “atrasaram” a liberdade dos escravos. Conforme Gadet & Hak, em sua obra *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (1997):

As “ciências sociais”, segundo Pêcheux, estão no prolongamento direto das ideologias que se desenvolveram em contato estreito com a prática política. Elas consistem, em seu estado atual, ele acrescenta, na aplicação de uma técnica a uma ideologia das relações sociais tendo em vista a adaptação ou a “re-adaptação” das relações sociais à prática social global, considerada como uma invariante do sistema. Mas Pêcheux acrescenta ainda algo concernente à prática política que, enfim, nos faz retornar à análise do discurso. Ele diz que o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social (GADET & HAK, 1997, p. 24).

Neste contexto, notamos a importância do discurso, pois é pelo e no discurso que se pode alterar demandas sociais. Além disso, é mais fácil dominar a massa, quando apenas um grupo pequeno e fechado contém todos os saberes e conhecimentos, restringindo que a população possa pensar e desenvolver o senso crítico. O discurso de líderes como Adolf Hitler na Alemanha, Benito Mussolini na Itália e Getúlio Vargas no Brasil nos faz refletir sobre o perigo e o poder do discurso, já que ele pode direcionar a sociedade, tanto para um futuro com ideais de respeito e igualdade, mas também para um mundo de intolerância, ignorância e superioridade em relação aos outros. Gadet & Hak (1997, p. 30) ainda afirmam que:

É enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar determinado no sistema de produção. Em um texto publicado mais tarde, ao qual Pêcheux refere-se com frequência, Althusser escreve: “Como todas as evidências, incluindo aquela segundo a qual uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possuía uma significação’, ou seja, incluindo a evidência da transparência da linguagem, esta evidência de que eu e você somos sujeitos – e que este fato não constitui nenhum problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar”.

Conforme Althusser (*apud* Gadet e Hak, 1997), todos nós somos “interpelados” a ocuparmos determinados espaços pré-definidos pelo discurso, sendo isso um efeito ideológico elementar. Dessa maneira, uma pessoa que nasce em uma família com renda baixa, possivelmente não ocupará cargos de prestígio no futuro, já que em toda a sua vida, ela não terá as mesmas oportunidades e condições que outros sujeitos possuem (uma minoria), tornando a “competição” muitas vezes injusta e desigual. Para Helena Hathsue Nagamine Brandão em *Introdução à análise do discurso* (2004, p. 27):

A ideologia é dinâmica e motivadora. Ela impulsiona a práxis social, motivando-a, é “um motivo e ao mesmo tempo aquilo que justifica e que

compromete". Por isso, "a ideologia argumenta", estimula uma práxis social que a concretiza. Nesse sentido, ela é mais do que um simples reflexo de uma formação social, ela é também justificação (porque sua práxis "é movida pelo desejo de demonstrar que o grupo que a professa tem razão de ser o que é") e projeto (porque modela, dita as regras de um modo de vida).

Assim sendo, Brandão (2004) acrescenta que a ideologia motiva a práxis social, ou seja, uma ideologia pode ser uma religião, uma posição política, entre outros. De acordo com o *Dicionário Online de Português* (2022), "ideologia" pode ser compreendida como uma: "organização de ideias fundamentadas por um determinado grupo social, caracterizando seus próprios interesses ou responsabilidades institucionais: ideologia cristã; ideologia fundamentalista; ideologia nazista etc.". Dessa maneira, podemos perceber que as ideologias também são perigosas e poderosas, pois elas moldam o modo de vida das pessoas.

Para o estudioso Silvio Luiz de Almeida no livro *O que é racismo estrutural?* (2018) o conceito de raça é demasiado polêmico. Mesmo assim, é possível dizer que o significado do termo se refere ao ato de classificar, como por exemplo as plantas e os animais, mas também classificar as pessoas. É importante salientar que nenhum conceito é estático e permanente, mas eles se transformam e mudam de sentido conforme o passar do tempo. Segundo o especialista:

Por sua conformação histórica, a raça opera a partir de dois registros básicos que se cruzam e se complementam:

1. Como característica biológica, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor de pele;
2. Como característica étnico-cultural, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, "a uma certa forma de existir". A configuração de processos discriminatórios a partir do registro étnico-cultural Frantz Fanon denomina racismo cultural (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Almeida (2018) acrescenta sobre o conceito de racismo cultural elaborado por Frantz Fanon, pois o racismo pode ser visto devido a características físicas e biológicas, mas também pode ser visível em uma determinada identidade. Essa identidade é construída ao longo do tempo, e sofre influências da religião, da língua e de costumes de modo geral.

O estudioso reflete que: "o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas

conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos” (ALMEIDA, 2018, p. 25). Na maior parte das vezes, os negros sofrem com as desvantagens do racismo estrutural, enquanto os brancos são privilegiados. É interessante afirmar que o racismo pode ser consciente e inconsciente. Neste sentido, os estudos da Análise do Discurso nos ajuda muito a compreender melhor. Almeida (2018, p. 27) traz informações pertinentes:

O racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido pelo seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidades e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo pode levar à segregação racial, ou seja, à divisão espacial de raças em bairros – guetos, bantustões, periferias etc. – e/ou à definição de estabelecimentos comerciais e serviços públicos – como escolas e hospitais – como de frequência exclusiva para membros de determinados grupos raciais, como são exemplos os regimes segregacionistas dos EUA, o Apartheid Sul-africano e, para autoras como Michelle Alexander e Angela Davis, o atual sistema carcerário estadunidense.

Neste contexto, podemos perceber como o racismo afeta o funcionamento da sociedade. Para grande parte da população, esses fatos são encarados meramente como algo natural e parte da realidade. Entretanto, podemos visualizar esses acontecimentos como efeito de discursos políticos, ideológicos e econômicos que tendem a pensar em uma supremacia branca. Sobretudo, precisamos entender esses crimes como algo possível de mudança. Assim como ocorreram e ainda acontecem transformações na sociedade, o racismo estrutural também pode ser minimizado e resolvido através do diálogo, da conscientização em massa e de uma educação reflexiva sobre essas questões para as novas gerações. Almeida (2018, p. 39) afirma que:

A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Porém o uso do termo estrutura não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis; ou, ainda, que indivíduos que cometam atos discriminatórios não devam ser pessoalmente responsabilizados. Dizer isso seria negar os aspectos social, histórico e político do racismo. O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. Ainda que os indivíduos que cometam atos racistas sejam responsabilizados, o olhar estrutural sobre as relações raciais nos leva a concluir que a responsabilização jurídica não é suficiente para que a sociedade deixe de ser uma máquina produtora de desigualdade racial.

Desse modo, o crítico reconhece a importância de entender o racismo como estrutural e também passível de mudança. O racismo se constitui como uma discriminação racial arraigada à memória social, enraizada na história da humanidade e que na modernidade é, muitas vezes, encarado como algo natural. Mesmo assim, quando acreditamos ser algo contornável, podemos acreditar que ações e políticas afirmativas podem ser eficazes e são necessárias para que a sociedade consiga ser mais compreensiva, fraterna e livre de discriminações.

Portanto, nesse tópico tivemos o objetivo de apresentar a teoria da Análise do Discurso e relacionar com o racismo estrutural.

4 - AS REDES SOCIAIS COMO PROPAGAÇÃO DE IDEIAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS

Uma Rede Social, para Raquel Recuero (2006), pode ser definida no conjunto de dois elementos essenciais: atores e conexões. Os atores seriam aqueles que se fazem presentes nas redes, isto é, as pessoas, as instituições, grupos criados na rede, e assim por diante. As conexões seriam as interações realizadas entre esses atores, como curtidas, comentários, compartilhamentos, dentre outros fatores que cultivam o laço social. Compreender uma rede social, portanto, envolve a ciência de que os atores, ou os indivíduos, não podem ser observados de forma isolada. Assim como os fatores que geram a conexão também não podem ser desassociados de seus atores.

Segundo Raquel Recuero, existem vários tipos de redes sociais, que não necessariamente estão hospedadas em servidores da internet. Desde que existam atores que realizam conexões entre si, existe, de certa forma, uma rede social humana envolvida. No entanto, as redes sociais mais complexas e com maior número de conexões estão na internet, em forma de sites ou aplicativos para smartphones, nas quais os indivíduos e instituições interagem, gerando um número quase infinito de conexões. Para Recuero, é justamente nestes espaços virtuais que ocorrem a expressão das redes sociais na Internet.

Para Boyd & Ellison (2007, *apud* Recuero, 2009), existem três características fundamentais nas redes sociais da internet. A primeira seria a construção de uma persona através de uma página pessoal ou perfil, que nem sempre condiz com a realidade, mas sim com o tipo de imagem que o ator (seja um indivíduo ou instituição) pretende propagar para a sociedade. A segunda característica seria a interação destes atores através de comentários ou outros meios de interação, como curtidas e compartilhamento. E, por último, a exposição pública da rede social de cada ator, pois as redes sociais na internet se destacam justamente pela possibilidade de propagar a imagem do ator de forma mais acentuada. Assim:

Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes. É o caso do Orkut, do Facebook, do LinkedIn e vários outros. São sistemas onde há perfis e há espaços específicos para a publicização das conexões com os indivíduos (RECUERO, 2009, p. 104).

A partir deste postulado crítico, podemos compreender que a criação de sites, aplicativos e plataformas para que os atores possam realizar suas conexões é de fundamental importância para o crescimento e a popularização das redes sociais. Com base no que foi explicitado, portanto, uma possível definição para redes sociais da internet seria a seguinte: plataformas virtuais em que os indivíduos e empresas podem criar um personagem, que nem sempre condiz com o real, e assim interagir com outras pessoas. Torna-se possível inferir, desta forma, que as redes sociais são espaços de múltiplas discursividades, em que os sujeitos podem manifestar aspectos de suas subjetividades.

Ana Pimentel (2017) defende que as redes sociais se configuram enquanto um espaço discursivo, isto é, como um lugar em que os sujeitos podem articular múltiplos discursos, imbuídos em múltiplas ideologias, a partir de múltiplas subjetividades. A pesquisadora se debruça principalmente sobre a rede social Twitter, e destaca algumas características fundamentais desta plataforma, como a limitação de caracteres por postagem. Assim, passa a ser uma rede em que seus atores precisam condensar ideias em posts curtos, e assim demonstrar suas opiniões aos outros atores.

A partir dessa ideia, podemos assumir o Twitter como uma esfera de comunicação. Por se tratar de uma rede social, e considerando sua característica de microblog, predomina a comunicação informal, os gêneros primários. Por se tratar de um ambiente virtual e ao mesmo tempo informal, é comum também o uso do internetês [...]. O sentido do “relativamente estável” diz respeito justamente à variação natural que ocorre nas comunicações humanas, ou seja, não pensamos nem falamos sempre da mesma forma, pois somos sujeitos singulares. Além desse fator, o ambiente digital permite a variabilidade de modos de linguagem, como a multimodal, no qual podemos usar recursos para além da escrita tradicional, bem como abreviações das palavras (PIMENTEL, 2017, p. 49).

Todos estes recursos da rede social apontados por Pimentel demonstram sua enorme versatilidade nos processos de significação. Ainda ressalta o fato de o internauta estar atrás de uma tela, na segurança de sua casa, e assim pode emitir diversas opiniões sobre assuntos diversos ou sobre pessoas específicas sem necessariamente estar em uma discussão presencial, cara a cara. Essa característica da rede social, para Pimentel, pode fazer com que os discursos de ódio sejam mais frequentes em uma rede social virtual, tendo em vista que o internauta se sente mais encorajado a emitir suas opiniões controversas sem um interlocutor físico.

Essa maior frequência dos discursos de ódio está relacionada às comunidades criadas nas redes sociais. Segundo Pimentel (2017) em uma rede social virtual, o ator pode fazer conexões apenas com quem ele quer, o que na maioria das vezes significa que o indivíduo segue apenas aqueles que partilham de suas ideologias. Um sujeito com ideais racistas, por exemplo, pode encontrar outros sujeitos que partilham destas ideias nas redes sociais, e assim perpetuar a ideologia racista na sociedade. Ainda que existam outros indivíduos combatendo o racismo, essa comunidade da rede social não terá contato com este discurso, visto que não é algo com o qual ele se identifica. Mesmo que este sujeito racista entre em contato com discursos antirracistas, ele estará amparado por sua comunidade, que reforçará as suas ideologias.

Charaudeau (2013) mostra que as mídias não são uma instância de poder, tendo em vista que o poder nunca vem de um único indivíduo, mas de uma instância, uma organização, na qual o indivíduo tira sua força. Para o autor, essas organizações têm a capacidade de gerenciar e até influencia o comportamento dos indivíduos em uma sociedade, tendo em vista que elas definem regras de comportamento e normas. A partir desta reflexão, podemos compreender que, nas redes sociais, os indivíduos que partilham as mesmas ideologias acabam se encontrando, criando estas conexões, essas “redes”. Devido à amplitude mundial das redes sociais, é possível encontrar comunidades enormes que partilham de ideologias pouco comuns ou impopulares.

Para Douglas Kellner (1995), os processos tecnológicos modernos exigiram que o indivíduo tivesse uma identidade, isto é, características, modelos, produtos, ideologias, com as quais o indivíduo se identificava. A identidade, seguindo este ponto de vista, não seria apenas “coisas” que determinam os gostos de um indivíduo, mas sim elementos ideológicos e materiais que fazem com que o indivíduo identifique seu lugar no mundo. Partindo deste ponto de vista, as redes sociais seriam, também, uma das responsáveis por formular esta identidade do sujeito. Afinal, o sujeito modela sua persona na rede social, imprimindo ali diversos aspectos do que ele considera ser elementos de sua individualidade. Além disso, as comunidades criadas na rede social também unem pessoas com identidades parecidas, o que ajuda a reforçar estas identidades, além de criar novas. Para Kellner (1995, p. 296):

A ansiedade também entra a constituir a experiência do eu moderno. Porque nunca estamos certos de que fizemos a escolha correta, de que escolhemos nossa “verdadeira” identidade, ou que ao menos criamos uma identidade. O eu moderno está consciente da natureza de construto da identidade, de que

ele sempre pode mudar e modificar a sua identidade. Fonte de ansiedade também é o reconhecimento e a validação da própria identidade pelos outros.

Portanto, as redes sociais refletem diversos aspectos importantes do sujeito moderno, tendo em vista que se tornaram um importante espaço discursivo para o sujeito se dizer no mundo. Em outras palavras, as redes sociais dão a oportunidade para que o indivíduo consiga criar sua persona, isto é, a projeção subjetiva do que ele quer que as pessoas enxerguem sobre si próprio. Além disso, as conexões que o indivíduo pode fazer com outros indivíduos são importantes relacionamentos que, além de moldarem o processo de identidade do sujeito, também faz com que suas ideologias sejam reforçadas, discutidas e transformadas. O Instagram é uma das redes sociais em que mais observamos este funcionamento. Segundo Ramos e Martins (2018):

É sob a promessa de captura e compartilhamento de momentos do mundo, que versa o Instagram, em um trânsito intenso entre o singular e o banal — ou entre a singularização do banal e banalização do singular, como bem pretender o autor de cada perfil dessa rede. Ao usuário do aplicativo fica a escolha do conceito que desejar aplicar à sua rede social, personalizando e explorando sua textualidade, enquanto autor não só de textos, mas de si mesmo. Inicialmente, como esclareceram os criadores do Instagram, a intenção era resgatar a instantaneidade das clássicas Polaroids, possibilitando a captura de imagens e seu trato com diferentes filtros. Mas essa ideia foi expandida e ganhou vigor com os compartilhamentos e a formação de uma rede social.

Desta forma, no Instagram o sujeito tem a oportunidade de falar sobre si mesmo e sobre o mundo, o que também passa necessariamente pela ideologia. O Instagram se tornou um local propício para pessoas de diferentes crenças se encontrarem e se comunicarem sobre um assunto em comum. Assim, é comum encontrarmos compartilhamentos racistas ou que estimulem governos autoritários, por exemplo.

Com isso à vista, podemos afirmar que as redes sociais são uma forma de propagação de ideias e práticas discursivas. Através das conexões que os atores fazem com outros atores, suas ideias são formuladas e fomentadas através da rede digital. A prática discursiva ocorre na medida em que as ideologias são significadas nas redes sociais, dentro e fora das comunidades que se identificam com tais ideologias. No entanto, devemos problematizar certos discursos fomentados em

certas comunidades das redes sociais, pois ainda que as redes prezem pela liberdade de expressão de cada indivíduo, alguns discursos de ódio não devem ser tolerados.

5 - MANIFESTAÇÕES DE RACISMO: ATIVIDADES DE REPRODUÇÃO E LUTAS CONTRA O PRECONCEITO

Foram selecionadas quatro postagens das páginas “Quebrando o Tabu” e “Mídia NINJA” do Facebook e Instagram em que pessoas negras relatam casos de racismo de acordo com suas vivências. Essas postagens são visualizadas pelos internautas, causando diferentes efeitos de sentido, de acordo com a formação ideológica de cada sujeito. Vale ressaltar que esses relatos não estão isolados na rede de sentidos, já que se relacionam com o interdiscurso, isto é, com outros dizeres históricos sobre a repercussão de racismo.

O primeiro relato que recortamos é o de Daniel Silva, que foi vítima de racismo ao entrar em uma loja e ser recepcionado por um homem branco “fantasiado” de negro. Em seu relato, Daniel recupera sentidos do interdiscurso, evidenciando que este ato era utilizado para ridicularizar os negros no passado. Assim, o racista atualizou o discurso, que nestas condições de produção acabou repercutindo o mesmo discurso usado há algumas décadas, em que homens brancos usavam essa “fantasia” para rebaixar o lugar do negro em uma sociedade opressora.

Figura 3: Daniel Silva



Disponível em: https://www.instagram.com/p/B4NSJ2dF4vz/?utm_medium=copy_link

O uso desta fantasia, nessas redes de sentidos, não ocorre por acaso, já que elas auxiliam a criar as condições de produção de ideias para a autoridade deste discurso que repercute um racismo velado, estrutural, que não está tão escancarado. Afinal, as condições de produção, segundo Orlandi (2015), são os elementos discursivos que contribuem para que determinado dizer signifique de uma forma e não de outra. Segundo a autora supracitada, as condições de produção:

[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção são fundamentais [...]. Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico (ORLANDI, 2015, p. 28-29).

A prática do racismo velado, através de algumas ações e expressões, afeta a imagem e a identidade das pessoas negras. Esse racismo velado é manifestado em diversos momentos por intermédio de piadas, comentários, dentre outros, os quais ecoam como algo natural, uma simples “brincadeira”. Porém, essas tais “brincadeiras” afetam a aparência física dos negros, colocando-os em um posicionamento de inferioridade e de subalternidade na sociedade brasileira.

Ao longo da história brasileira, o negro foi estereotipado por meio de uma visão simplificada e negativa, tais como: objeto de consumo, maus, selvagens, feios, sujeitos, incapazes, pobres, desonestos, dentre outros estereótipos. Com isso, é notória uma visão negativa e de inferioridade em relação a esse grupo populacional (COGO, 2010).

De acordo com Orlandi (2015), a Análise do Discurso nos explica que diversos paradigmas sociais são naturalizados historicamente, mas são sempre produzidos através da linguagem e da ideologia. Ocorre que o sujeito sempre se esquece ou não tem acesso a origem dos sentidos, e acaba percebendo como se o sentido já estivesse dado, como se as coisas sempre tivessem sido assim, sendo que, na verdade, é uma produção histórica do discurso. Assim:

[...] a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua

característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito” (ORLANDI, 2015, p. 44).

Podemos verificar o funcionamento da ideologia instituindo o racismo estrutural. De acordo com Althusser (1970), a mídia é um aparelho ideológico de estado, uma vez que é uma estrutura, uma instituição, que possui uma força coercitiva para moldar ideologicamente os sujeitos, de acordo com certas direções políticas. Partindo deste princípio, compreendemos que o racismo é uma formação ideológica perpetuada pela mídia, um aparelho ideológico que interpela os sujeitos. Ainda que não seja a mídia formal, institucionalizada, ela ainda possui esse poder ideológico sobre o sujeito, como se pode observar em nosso próximo recorte:

Figura 4: Blackface em trote de calouros

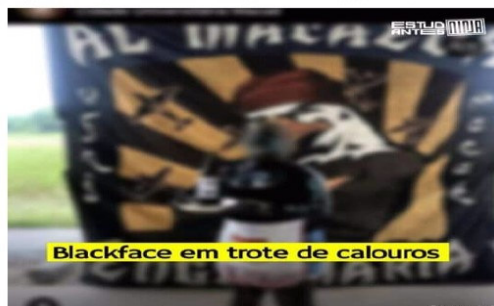
Uma caloura foi pintada de tinta preta e vestida de garçonne no trote – recepção feita por alunos mais velhos a alunos novos – do curso de engenharia da UFRJ em Macaé, no Rio de Janeiro. A foto repercutiu pelas redes sociais com a acusação de blackface, prática racista que tem mais de 200 anos.

A imagem foi retirada do ar e a universidade emitiu nota dizendo que repudia manifestações racistas e vai apurar o caso, e punir os responsáveis se comprovado o racismo.

A prática do trote é controversa e chegou a ser proibida em algumas universidades. Algumas repúblicas realizam festas e casos graves já aconteceram, como o calouro de medicina da USP Edison Tsung Chi Hsueh, que morreu afogado durante um trote em 1999. Queimaduras, humilhações, coma alcohólico, espancamentos e

colaboram com a cultura do racismo e pode levar calouros à depressão e desistência do curso.

#Trote #Universidade #Racismo #Blackface



Superfã

Rosângela Maria De Almeida
Racismo estrutural! Enquanto não resolvermos isso, assistiremos essas cenas lamentáveis! E que agora está autorizado!

4 d Curtir Responder



Geraldo Luiz Madureira

Desculpa esfarrapada, é racismo sim, não adianta amenizar. No Brasil as punições contra atitudes racistas tem punição branda. Nunca mais é levada a sério um punição de racismo. Nosso país missigenado, deveria ter orgulho do povo que tem. Todos os brasileiros carregam no corpo, sangue de negros e índios. Isso deve ser motivo de orgulho para nós.

4 d Curtir Responder



Luciane Novaes

Esse tipo de trote JÁ deveria ter sido proibido. Uma palhacada isso. Pq não fz algo educativo, social, filantrópico?



Jehovanda Maldonado

Que mundo é esse? 😞

3 d Curtir Responder



Suzana Joao

Atrazo neste Brasil. 🇧🇷 🤔 3

3 d Curtir Responder



Nilda Monteiro

Triste, isto tem acabar, de vez. 🇧🇷 🤔 3

3 d Curtir Responder



Geraldo Luiz Madureira

Num órgão público uma atitude de racismo, é inaceitável, um absurdo. Racismo no Brasil, infelizmente ainda é tolerado pela justiça e sociedade com o eufemismo de injúria racial. Ora! Vamos entender, racismo é crime violento e abjeto. Esses crimes tem de ser punidos de forma enérgica, com o máximo rigor da lei. Racismo tem de ser tratado como crime hediondo.

3 d Curtir Responder

Disponível em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/>

Como se pode observar, a prática discursiva do racismo foi atualizada através deste ato de “fantasiar” uma jovem de empregada doméstica preta. A notícia evidencia que esse ato, conhecido popularmente como “blackface” já tem mais de 200 anos, e continua sendo utilizado como uma forma de inferiorizar o povo negro. Este discurso, nessas condições de produção, acaba materializando o sentido de que o sujeito negro deve se contentar na posição de subalternidade, como se não houvesse outra possibilidade de significação para a sua constituição.

Segundo Djamila Ribeiro (2018, *apud* Santos e Sobrinho), entre 1830 e 1890, nos Estados Unidos, era comuns shows com homens brancos que se caracterizavam de negros. Essas representações caricaturescas reforçaram os estereótipos sobre os afrodescendentes. A tônica dessa manifestação era o exagero, em que além do rosto pintado, a boca era extremamente pintada de vermelho, “para chegar a uma ‘representação ideal’ do que julgavam ser o negro” (RIBEIRO 2018, p. 36).

Com a formação imaginária estereotipada racista e com o ato de ridicularizar o povo preto, o blackface também foi uma forma de exclusão racial. Um exemplo, é a adaptação brasileira de *A Cabana do Pai Tomás*, em que o ator Sergio Cardoso teve o rosto e partes do corpo pintados de negro, usou peruca e teve rolhas colocadas no nariz para alargá-las (BENÍCIO, 2019, *apud* SANTOS e SOBRINHO).

De acordo com Maria Eduarda Santos (2015), não existe nenhuma regra biológica que faz o negro ser diferente do branco, a não ser, é claro, a cor da pele e outras características fenotípicas. Portanto, este suposto padrão de beleza é um construto ideológico, histórico e social, que é (re)produzido através da linguagem, em formações discursivas específicas que podem mudar ao longo da história.

Segundo a autora, basta observarmos que a maioria dos corpos considerados belos pela mídia e pela população são corpos brancos, europeus. Ainda que o corpo negro seja apreciado, é sempre no lugar da erotização, do fetiche e, mais uma vez, da subalternização. Na contemporaneidade, embora este paradigma ideológico esteja se transformando, podemos dizer que o padrão de beleza é branco, magro, de preferência com cabelos louros e olhos claros. Essa formação ideológica possivelmente foi difundida e reforçada pela mídia. Ao analisarmos essa formação histórica do discurso, podemos compreender como “fantasiar” uma caloura de negra atualiza sentidos de subordinação, de escravidão. Esse padrão predominante fica

marcado historicamente no interdiscurso, e, de alguma forma, constitui os sujeitos contemporâneos, algo que fica ainda mais perceptível no próximo recorte:

Figura 5: Fabrica cervejeira negra



 **Instagram** 

Curtido por [Joao_santo.ss](#) e outras pessoas
[midianinja](#) #Repost @implicantesmc: Uma simples publicação de apoio por parte da namorada de um dos sócios da cervejaria desencadeou uma avalanche de comentários extremamente racistas disseminando o ódio de forma gratuita. Como muitos sabem, somos uma fábrica cervejeira de pequeno porte. Não somos um bar. Não há aglomeração de pessoas.

A única menção de cunho racial na postagem foi a de que somos a primeira Fábrica Cervejeira administrada por negros no Brasil. Aqui, parece ser necessário frisar que o fato de sermos a primeira fábrica cervejeira negra não é dito para fins meramente comerciais, nem para vender apenas para pessoas negras. A intenção é que o Povo Preto saiba que eles estão sendo representados neste mercado que até ontem era majoritariamente branco.

Para os que não conhecem a Implicantes, nós fazemos homenagens a personalidades negras de grande importância histórica, mas que, em decorrência do racismo estrutural, não possuem o devido reconhecimento.

A nossa empresa está com um financiamento coletivo pelo site bit.ly/vaquinhaimplicantes, onde há maiores informações sobre o projeto. A postagem aqui mencionada apenas pedia apoio para que as pessoas contribuíssem, se pudessem, ou compartilhassem o site.

Por causa dos ataques à postagem, o Facebook, de forma incompreensível, havia retirado a publicação do ar e restringido a conta de quem postou. Após um tempo, a postagem retornou e os ataques continuaram, havendo manifestações extremamente ofensivas direcionadas não só a quem publicou mas também a sua família.

Além disso, os ataques começaram a ser direcionados também às redes sociais da IMPLICANTES, fazendo avaliações e comentários negativos. No entanto, muitos IMPLICANTES mandaram mensagens de apoio, reconhecimento e solidariedade, o que faz acreditarmos que estamos no caminho certo. Além disso, o ódio que foi destilado apenas confirmou a necessidade de continuarmos implicando e trazendo cada vez mais representatividade. 🍷



Disponível em: https://www.instagram.com/p/CDMFwD5Jvuh/?utm_medium=copy_link

Podemos observar que o portal está compartilhando um post sobre a 1ª fábrica cervejeira negra do Brasil, que precisa de ajuda para se manter. Em seguida, o perfil Mídia NINJA postou diversos comentários de pessoas que reagiram a essa notícia. O que mais chama a atenção nos comentários é a tentativa de invalidar o discurso do sujeito negro que está empreendendo o projeto. Apesar de as imagens estarem embaçadas para preservar a identidade dos envolvidos no ato racista, pode-se perceber que a maioria são sujeitos brancos.

Estes comentários atualizam o mesmo discurso ligado à formação ideológica dos outros dois posts selecionados, uma vez que aqui se tenta, mais uma vez, produzir sentidos sobre a incapacidade, a subalternidade, a inferioridade do povo negro. Há comentários, por exemplo, que ridicularizam o assassinato da então vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, com estruturas morfológicas que sugerem que a morte da política não foi grave ou que foi justificada.

Segundo Nunes e Camino (2011) as crenças, princípios e valores sociais são os resultados de fatores ideológicos que estimulam os comportamentos marginalizados.

Consequentemente, esses elementos podem induzir diretamente um indivíduo a discriminar um grupo de característica minoritária. Conforme Nunes (2010), nesse processo, o indivíduo não tem a consciência do que ele defende e diz ser sua opinião para discriminar um grupo minoritário, trata-se de uma repetição de comportamentos e discursos construídos de uma forma sócio-histórica.

Esse, portanto, é um jogo discursivo, já que apesar desses sujeitos dizerem diferente, estão de alguma forma atualizando sentidos que não se produzem agora, pois o discurso é uma produção histórica. Conforme nos propõe Orlandi (2015), o discurso está sempre neste jogo de paráfrase e polissemia, na reprodução do já dito e na ruptura com este já dito. Em todo o discurso há uma tensão entre a paráfrase e polissemia, pois usamos palavras e sentidos já-ditos (paráfrase) para formular sentidos diferentes (polissemia). Orlandi explica que nem o sujeito, nem a linguagem, nem o discurso estão prontos, pois o sentido está sempre mudando através dessa tensão entre a paráfrase e a polissemia. Desta forma:

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam (ORLANDI, 2015, p. 34).

A partir dessas noções, constatamos algo da ordem da polissemia no racismo. Desta forma, podemos constatar que os sujeitos internautas racistas vêm modificando a forma de abordar sua formação ideológica opressora. Antes, não havia a internet que possibilitava esses sujeitos terem uma plataforma, um portal de manifestações discursivas preconceituosas. No entanto, atualmente, devido ao contexto midiático da contemporaneidade, os racistas podem se encontrar e destilar o ódio, atualizando sentidos que são discursivizados desde os tempos de escravidão. Conforme podemos observar no próximo trecho, uma boa parcela da sociedade ainda não aceita os sujeitos negros:

Figura 6: Médico negro



quebrandootabu “Certa vez, em um atendimento do SUS, uma paciente branca entrou no meu consultório e fez uma cara de espanto ao me ver. Dei bom dia e pedi que se sentasse. Perguntei sobre o motivo da consulta, e ela relutante disse que queria falar com o médico. Mesmo eu estando de jaleco escrito Dr. Fred Nicácio - Médico e com estetoscópio no pescoço. Afirmei que eu era o médico que a atenderia, ela então começou a me fazer diversas perguntas técnicas com palavras do meio médico para testar meus conhecimentos e ver se eu realmente era médico ou me fazia passar por um. Ao final da consulta, ela pegou a sua ficha com meu carimbo e assinatura e se dirigiu ao posto de enfermagem. Lá ela perguntou as enfermeiras: “Aquele homem negro lá dentro do consultório é mesmo o médico?” As enfermeiras confirmaram que sim. Mas mesmo assim, ela se negou a medicação intra hospitalar e foi embora apenas com a receita para comprar os remédios na farmácia. Pois é... Essa é a realidade de ser médico preto no Brasil.

Quantas vezes você já foi atendido por alguém como eu? Por um médico negro. E que outra explicação, senão o racismo, para sua resposta ser “poucas” ou “nenhuma”?
Via @frednicacio

Disponível em: https://www.instagram.com/p/B5vNEo6FgyQ/?utm_medium=copy_link

Como se pode observar no relato, o Dr. Fred Nicácio, médico negro, não foi aceito nesta profissão, que, no Brasil, é historicamente ocupada por sujeitos brancos. Desta forma, a manifestação verbal do Dr. Nicácio atualiza sentidos sobre os espaços negados ao povo negro, tendo em vista que durante muito tempo existiram espaços em que o negro era proibido de entrar. Estes espaços ainda existem, mas hoje essa segregação ocorre principalmente pela linguagem, pelo discurso, e não de maneira física, como no passado.

Vale lembrar através da ideologia materializada na linguagem que o sujeito se manifestará, sendo agente de uma prática social. Assim sendo, compreendemos sujeito como ser ideológico e que não tem consciência sobre essa ideologia que o constitui. O racismo, portanto, conforme afirma Almeida (2018), é uma prática estrutural, tendo em vista que está inserido na sociedade brasileira em diversos níveis. A interpelação ideológica, então, não é consciente, o sujeito reproduz os discursos

sem saber que estes são regidos por uma ideologia e não são seus propriamente. Portanto a ideologia produz seus efeitos no discurso, materializando-se nele, e o sujeito produz e reproduz esses sentidos.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), feita em 2015, 23,3% das pessoas negras e pardas já se sentiram discriminadas em serviços de saúde. Entretanto, segundo a pesquisa, poucas pessoas percebem quando sofrem discriminação durante o atendimento. Outro ponto importante é que mesmo sendo negra ou parda a maioria da população brasileira, ainda hoje é baixa a porcentagem de médicos negros no país. Por isso, é importante dar visibilidade à experiência de médicos negros no Brasil, e compreender as estratégias de enfrentamento do racismo empreendidas por tais sujeitos.

Podemos dizer que a pessoa que duvidou se o médico negro era realmente médico não tem consciência de que está reproduzindo discursos racistas, que está atualizando discursos do início do século XX, quando negros eram proibidos de estudar e de exercer profissões de maior prestígio social. Um conceito fundamental para a Análise de Discurso é o de formação discursiva. Esta noção tem um papel fundamental para o sujeito, porque é a formação discursiva que determinará aquilo que pode ser dito diante de dadas circunstâncias. É por isso que um comentário pode ser considerado racista ou não dependendo de quem diz, para quem diz e onde diz. Desse modo, para que as palavras façam sentido, elas devem estar dentro de uma formação discursiva: o sentido muda conforme a formação discursiva, e todo o texto é atravessado por uma ou mais formações discursivas. Pêcheux ([1975] 1988) *apud* Mello (2015) nos propõe a seguinte definição:

[...] formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito. (PÊCHEUX [1975] 1988, p. 160 *apud* MELLO, 2015, p. 17).

Assim, Pêcheux afirma que a formação discursiva é o que determina os efeitos de sentido da materialidade. A evidência de sentido é efeito da interpelação do sujeito, isto é, um efeito ideológico. Diante disso, temos o que chamamos de interpelação do indivíduo como sujeito ideológico que consiste em fazer com que cada indivíduo seja

levado a ocupar uma posição em uma das classes de uma determinada formação social. Portanto, ao analisarmos o sentido do discurso, é preciso observar quem fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo pretendeu analisar a repercussão de discursos racistas nas redes sociais por meio do viés teórico da Análise do Discurso. Para isso foram analisadas publicações selecionadas nas páginas “Quebrando Tabu” e “Mídia NINJA” com o intuito de demonstrar casos de racismo velado ou explícito nas redes sociais e formas de combater esse discurso de ódio nesses ambientes virtuais.

Portanto, entendemos que o racismo depende da compreensão de sua estrutura histórica, social e cultural. O racismo existe porque houve um amparo governamental e religioso que escravizou os africanos, tratando-os como animais e, quando foram libertos, não houve a menor preocupação em inseri-los na sociedade, deixando-os à margem, tanto fisicamente quanto discursivamente. Devido a essa herança histórica, o negro continua marginalizado, e o branco continua privilegiado.

A Análise do Discurso, portanto, contribui com a discussão no sentido de demonstrar de que forma o racismo estrutural está presente nos sentidos atualizados pela mídia, pelos sujeitos. Muitas vezes, o sujeito desconhece a origem dos sentidos, da ideologia, e, portanto, não compreende porque existe a divisão de classes, acredita que sempre foi assim. Para Pêcheux, esse é o efeito da ideologia, provocar esse esquecimento discursivo, para que o sujeito tenha a impressão de que tudo sempre foi assim.

Neste sentido, compreendemos que as redes sociais são plataformas revolucionárias de comunicação, tendo em vista que permitem que sujeitos que compartilham as mesmas formações ideológicas possam se comunicar e atualizar sentidos. O problema é que isso também permite que sujeitos racistas se encontrem no meio digital, colocando em circulação discursos preconceituosos e intolerantes.

Por fim, ao analisarmos discursivamente os recortes trazidos neste trabalho, observa-se que o discurso está sempre neste movimento entre o mesmo e o diferente. Ainda que o modo e a plataforma de enunciação sejam diferentes do século passado, observam-se discursos muito semelhantes, os quais se atualizam nas redes sociais e retomam uma memória de dor, escravidão e segregação racial. Aparentemente, ainda será necessária muita luta para que os sentidos enunciados sobre o negro mudem, alterando, dessa forma, a realidade em que a maioria vive.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** / Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado.** Editorial Presença / Martins Fontes, 1970.
- ARAÚJO, Cláudio Márcio de. **O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento.** Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, vol. 33, p. 1-7.
- BATISTA, Waleska Miguel. **A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural.** Rev. Direito Práx. vol.9 no.4, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2179-89662018000402581. Acesso em: 21 de setembro de 2020.
- BRANDAO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do discurso.** 2º ed. rev. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CARDOSO, Gustavo; LAMY, Cláudia (2011). Redes sociais: comunicação e mudança. JANUS.NET **Journal of International Relations**, Vol. 2, N.º 1, Primavera 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2013.
- COGO, D., BRIGNOL, L. D. **Redes sociais e os estudos de recepção na internet.** In: ANAIS DO XIX ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS - Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação. 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010, p. 1-15.
- FELISBERTO, Willian de Souza. **Análise do discurso de ódio, intolerância e preconceito na rede social Facebook.** Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- GADET, Francaise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux** / organizadores Francaise Gadet; Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.] — 3. ed. — Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. – São Paulo: Atlas S.A., 2008.
- GOMES, Antonio Marcos Tosoli. **Análise de discurso francesa e teoria das representações sociais: algumas interfaces teórico-metodológicas.** Psicologia e Saber Social, v. 4(1), p. 3-18, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/17558>. Acesso em 12 de fevereiro de 2021.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 1995.

Leis abolicionistas. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/m.mundoeducacao.uol.com.br/amp/historiadobrasil/as-leis-abolicionistas.htm>. Acesso em: 06 de agosto de 2020.

MELLO, G. C. C. DE – **Tradução, assimilação, resistência e discurso.** TradTerm, São Paulo, v. 26, p. 13-38, dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/index>. Acesso em: 9 de novembro de 2021.

MENDES, Iessa B. V. **ANÁLISE DO DISCURSO DE VIOLÊNCIA: mulheres negras e a interseccionalidade.** Revista Serviço Social em Perspectiva, Volume 4, Edição Especial, março de 2020. Anais do II Encontro Norte Mineiro de Serviço Social. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

NUNES, A. V. L. & CAMINO, L. **Atitude político-ideológica e inserção social: Fatores psicossociais do preconceito.** Psicologia & Sociedade, v.23, n.1. 2011.

“O dialogismo”. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, V. A. **Presença das mulheres negras em Ponta Grossa/PR: histórias de vida.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 12ª ed. Pontes Editores, Campinas – SP, 2015.

Para uma história do negro no Brasil. – Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988.

PEREIRA, J. A.; BERNARDO, A. **Empreendedorismo Digital: Estudo do Projeto Negócios Digitais Realizado pelo Sebrae-PR em Maringá.** Editora Unijuí, n. 37, Edição Especial, 2016.

Pesquisa expõe o racismo estrutural nas instituições de saúde. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/pesquisa-expoe-o-racismo-estrutural-nas-instituicoes-de-saude/>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

PIMENTEL, Ana Margareth Steinmüller. **A escrita na internet: de post em post o twitter se configura como espaço discursivo.** 2017. 125f. (Dissertação de Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2017.

RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. **Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade.** Texto Digital, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2018v14n2p117/38182> . Acesso em 20 de maio de 2021.

RECUERO, Raquel. **Comunidades em Redes Sociais na Internet: Proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com**. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Tese de doutorado, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Revisitando anúncios de escravos do século 19. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.vice.com/amp/pt-br/article/8x53y3/revisitando-anuncios-de-escravos-do-seculo-19>. Acesso em: 31 de julho de 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Adilson Gomes dos; BORGES, Luzineide Miranda; SANTOS, Mateus Ferreira. **O impacto das redes sociais digitais na formação da identidade étnico-racial brasileira**. VIII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil. “Educação e Contemporaneidade”. Disponível em: <https://1library.org/document/qm0wrg4y-viii-coloquio-internacional-educacao-contemporaneidade-tecnologia-midias-educacao.html>. Acesso em: 10 de março de 2022.

SANTOS, Eliana Cristina Pereira; SOBRINHO, Nelson Figueira. **Pele branca, máscara negra: o blackface no discurso da Secretaria Municipal de Educação de Foz do Iguaçu**. XIV Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e V Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano.

Significado de Ideologia. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ideologia/>. Acesso em 28 de junho de 2022.

SILVA, Renata Nascimento da. **A máscara obscura do ódio racial: segregação, anonimato e violência nas redes sociais**. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano – Universidade Federal Fluminense. Departamento de Comunicação Social, 2018.

SILVA, Yan Itaboraí. **As redes sociais e o debate democrático**. NUPRI. 2021.

VAN DIJK, Teun A. **Racismo e discurso na América Latina**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 11-24.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **O racismo através da história: da antiguidade à modernidade**. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 2007.